

# Problemas de espaço. Cultural e artístico

(e, dentro dos espaços, o público e qualidade)

O problema em questão são os espaços culturais. Teatros, auditórios, galerias, cinemas. Brasília tem dezenas deles. Cada um com uma deficiência, uma dificuldade burocrática, empecilhos. São frequentes as queixas e poucos os elogios à entidade que, a rigor, deveria coordenar e distribuir racionalmente, a verba para aplicação nos espaços culturais do GDF. Há exceções, é claro. Caso do Dulcina, empresa particular que funciona bem. Queixam-se da taxa cobrada para utilização. Mas é preciso lembrar que a manutenção do teatro é essencial. O público. Será o grande culpado? Geralmente não exige. Isto fica por conta dos grupos e companhias. Mas quem frequenta deveria exigir melhores condições de acomodação e, principalmente, boa qualidade cultural do que é apresentado.

Kido Guerra

Brasília tem dezenas de espaços culturais, entre salas, auditórios, cinemas e galerias. A grande maioria, no entanto, não é utilizada, a não ser muito excepcionalmente. Os poucos locais abertos são, com raríssimas exceções, precários e de difícil acesso aos artistas interessados em obtê-los. Problemas técnicos, burocráticos, financeiros e de localização impedem o uso frequente e adequado desses espaços. Grupos de arte, em geral, não encontram lugar para suas apresentações e muitas vezes são boicotados pela intensa burocracia cultural.

O problema atinge, mais profundamente, a arte local. As manifestações culturais candangas sofrem restrições quanto ao nível de qualidade de suas apresentações. Há uma visão preconceituosa por parte da maioria dos responsáveis pelos espaços da cidade, com relação ao que é feito aqui. Desta forma, os artistas brasileiros são preteridos em função de nomes de projeção nacional, que, paradoxalmente, nem sempre apresentam espetáculos de boa qualidade.

A questão porém, não se limita a manifestações locais. Muitos artistas de renome internacional já se viram impedidos de se apresentarem em Brasília, principalmente por problemas de ordem técnica. Nossas salas não oferecem condições satisfatórias para a realização de espetáculos de grande porte. Há, na cidade, apenas dois locais que comportam apresentações desse nível: o Teatro Nacional e o Teatro Dulcina. O primeiro permanece fechado, devido a problemas técnicos e burocráticos; o «Dulcina» é uma construção recente, ainda em fase de acabamento e pouco conhecida dos produtores nacionais. O Ginásio de Esportes e a Piscina Coberta, espaços que já foram adaptados para apresentações de «ballet» e shows de música, não são satisfatórios e por isso são constantemente evitados.

A discussão em torno dos espaços culturais da cidade é uma novela que já dura há 20 anos, ou seja, desde a inauguração de Brasília. Os artistas combatem a política da Fundação Cultural, chamando-a de burocrática e desinteressada. Esta tenta se justificar, alegando falta de verbas. Enquanto isso, Brasília permanece em uma apatia que provoca uma estagnação em nossos artistas, im-

**O episódio mais recente que envolveu o problema de espaços culturais, foi com o Teatro Negro de Praga. O grupo esteve em Salvador, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e outras grandes cidades brasileiras, e manifestou interesse em se apresentar aqui. O resultado: as duas únicas Salas (Villa-Lobos e Martins Penna) do Teatro Nacional não puderam ser cedidas, sob a alegação de que o teatro está em reformas. O público só perdeu com isso, um espetáculo da melhor qualidade. No texto, a importância e a qualidade do Teatro Negro de Praga.**

O Teatro Negro de Praga, uma das mais conhecidas companhias teatrais da Europa, encontra-se, pela primeira vez, no Brasil, para uma excursão de dois meses, num total de 57 apresentações. A «tournee» começou no dia 3 de julho, em Salvador, e o espetáculo foi apresentado em diversas cidades brasileiras e terminou no dia 31 de agosto, no Rio, onde encerrou sua temporada no Brasil.

O Teatro Negro, que exige determinadas condições técnicas para suas apresentações, coisas como espaço amplo, grande distância entre palco e platéia, completa obscuridade e total isolamento acústico, pretendia vir a Brasília. Isto não foi possível porque os únicos locais que reúnem todos esses requisitos são as Salas Villa-Lobos e Martins Penna, do Teatro Nacional. Estas, no entanto, não foram cedidas à companhia tcheca, sob alegação de que o teatro está

pede o surgimento de uma cultura local e contribui para maior distanciamento da cidade com relação a outros centros culturais.

## PÚBLICO

O público brasileiro é um dos grandes responsáveis pelo esvaziamento das salas da cidade. Muitos fatores levam as pessoas a não frequentarem teatros, auditórios, como: falta de qualidade dos espetáculos apresentados; preconceito; desconhecimento de acontecimentos culturais, ocasionado pela pouca divulgação; crise cultural; acomodação, em consequência do domínio televisivo; desinteresse; tempo; preços, e muitos outros. A ausência do público age negativamente perante os órgãos responsáveis pela dinamização de nossa cultura, tornando-os ainda mais apáticos e desinteressados.

Com relação aos espaços culturais de Brasília, o público local age de forma preconceituosa. Salas como a Aliança Francesa, Escola de Música de Brasília, Thomas Jefferson, são pouco conhecidas e sofrem, inclusive, uma espécie de boicote. Muitas pessoas têm uma visão deturpada desses espaços e acreditam que espetáculos apresentados nesses lugares são elitistas ou de baixo nível de qualidade.

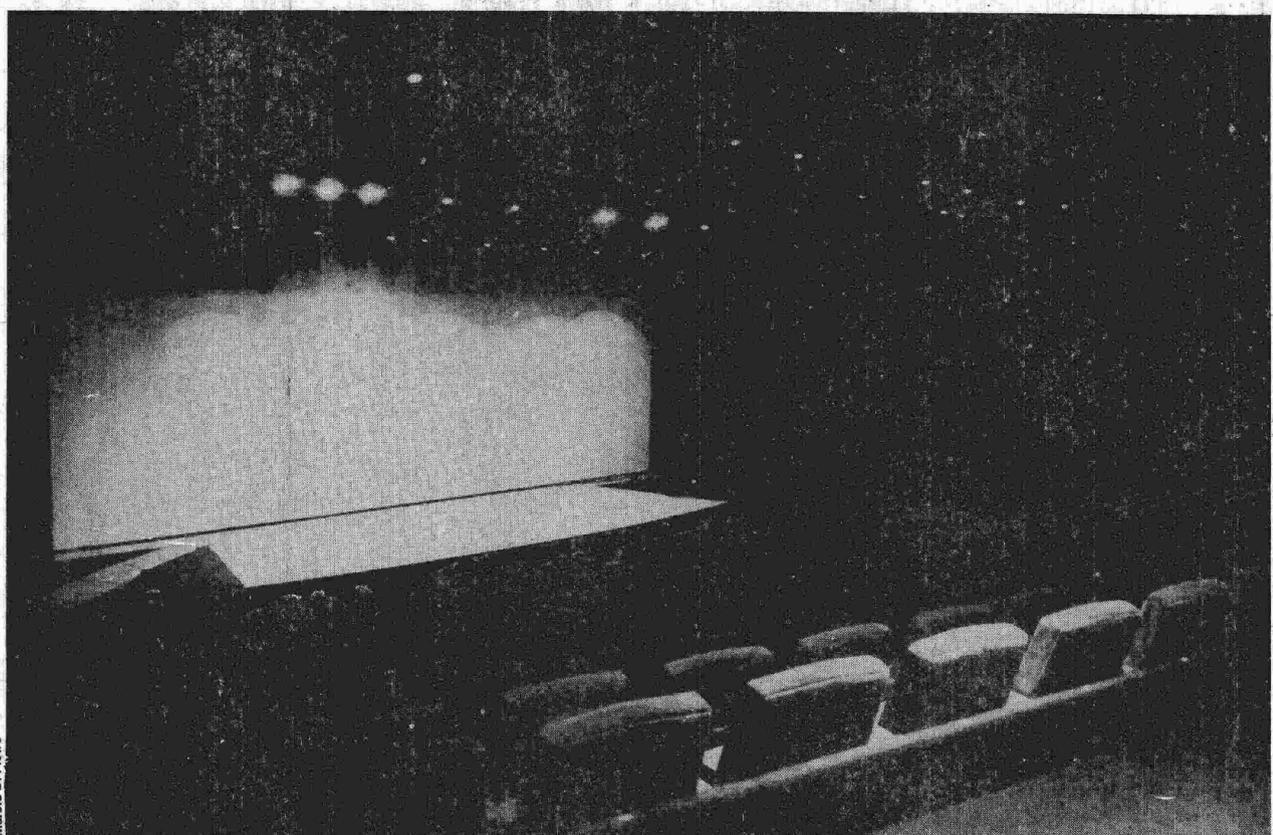
Para Ana Cláudia Mendonça, 16 anos, estudante do 2º Grau, «as manifestações culturais locais são eternamente marginalizadas e preteridas em função da arte importada do eixo Rio-São Paulo». Ela diz que vai a teatros, shows de música, galerias, «mas nem sempre me satisfaço. Não marginalizo e nem evito os artistas locais, mas tenho consciência de que quase todos os trabalhos realizados em Brasília são de baixa qualidade».

Doralice de Oliveira, 23 anos, doméstica, não frequenta teatros. «De vez em quando vou para o cinema. Só depende do meu tempo. Mas não vou para teatros ou shows de música pois, além de serem muito caros, são coisas que eu não gosto».

Cláudio Soares, estudante universitário, confessa seu completo desinteresse com relação às manifestações artísticas culturais. «Só assisti a duas peças de teatro em toda a minha vida e não gostei. Nunca entrei em nenhuma galeria de arte e raramente assisto a shows de música, a não ser quando vem gente boa de fora».

em reformas e só será reaberto este mês.

Com a não liberação do Teatro Nacional e devido à precariedade das outras salas de Brasília, o público brasileiro não pôde assistir ao trabalho excelente dos atores tchecos. O espetáculo é de mímica, magia, marionetes e músicas, reunindo duas peças de Jiri Srnc — *A Bicicleta Voadora* e *A Semana dos Sonhos*, o Teatro Negro se utiliza de maneira excepcionalmente criativa, uma antiga técnica teatral conhecida como «gabinete negro». A ação se desenvolve em um palco todo negro, onde somente aquilo que interessa ao entendimento da mensagem a ser transmitida aparece para o público. Os atores, vestidos de preto, em pé, com os adereços em suas mãos, diante de um horizonte negro, ficam invisíveis para o espectador. Conseqüentemente, os adereços e objetos cênicos têm condições de movimento, ou seja, de vida.



Sala Villa Lobos, do Teatro Nacional, inau gurado em 79, fechado, alguns meses depois, até hoje

**A Sala Funarte é oficial, está indiretamente ligada ao MEC. Mas funciona. Tem 215 lugares, é bem equipada com refletores, mesas de som e luz, caixas acústicas. É considerado pelos artistas excelente local para exibição. Outra boa exceção, aliás, exceções, são o Teatro Garagem, do SESC — versátil, simples, acomoda mais de 200 pessoas — e o Dulcina.**

O Teatro Garagem, do SESC, e a Sala Funarte são exceções entre os espaços culturais de Brasília. Excelentes locais para apresentações de teatro, dança e música, embora não comportem espetáculos de grande porte, são os maiores incentivadores da cultura local.

A Sala Funarte é um exemplo a ser seguido pelos demais órgãos responsáveis pela cultura de Brasília. Um local de fácil acesso, confortável, limpo, que dispõe de todas as exigências técnicas para apresentações musicais. Com capacidade para 215 pessoas, bem acomodadas, a Sala é muito bem equipada — 16 refletores, boas mesas de som e luz, microfones, caixas acústicas e até um piano. Wladimir Bezerra, um dos responsáveis pela sala, esclarece que todo o equipamento é cedido aos artistas que lá se apresentam: «Isso resolve um dos problemas dos novos músicos, que não têm condições financeiras para alugar uma boa aparelhagem de som». A Funarte, além de ceder o equipamento, se responsabiliza pela divulgação dos espetáculos, através de cartazes, programas e ingressos.

A Funarte se propõe a dar todo apoio aos artistas candangos — eruditos ou populares. Há, portanto, a preocupação em dedicar três fins de semana para artistas locais e apenas um para quem vem de fora. Carmem Schroeder, coordenadora da entidade em Brasília, diz que «não há uma seleção rigorosa. Apenas damos uma ouvida prévia nas músicas, para saber a qualidade do trabalho a ser apresentado. Afinal, não vamos abrir para qualquer um. Carmem acrescenta: «Mas até agora, todos os artistas que nos procuraram se apresentaram na Sala».

Além das apresentações de fim de semana, a Funarte promove as «Terças Musicais» e as «Quarta Filmes». Com relação à Galeria Osvaldo Goeldi, também na Funarte, seus responsáveis confirmam o mesmo apoio e incentivo dedicados aos músicos brasileiros.

## SESC

O Garagem é um teatro bastante versátil, possível a todo tipo de modificações. Formado por cortinas móveis, arquibancadas e praticáveis, possibilita grande variação de espaços — palco italiano, arena, e diversos tamanhos. Trata-se de um local simples, sem muito conforto, mas com capacidade para mais de duzentas pessoas. Dispõe de dezenas de refletores, mesa de luz, ar condicionado e acomodações para atores. Não, há, entretanto, aparelhagem de som.

Os maiores problemas do Garagem são a falta de isolamento acústico e de segurança. Já houve, inclusive casos de roubo, tendo como vítimas grupos que se apresentaram no local. Isto porque o teatro permanece aberto e abandonado, no período diurno, possibilitando o acesso de elementos estranhos ao Sesc.

Chico Expedito, responsável pelo Garagem, explica que «não há exigências com relação ao nível de qualidade dos trabalhos. Verifico apenas o cumprimento dos requisitos formais, como a liberação oficial do espetáculo. «Assim como

a Funarte, o Garagem dá prioridade aos trabalhos realizados em Brasília, apesar de não fechar totalmente as portas para outros artistas.

O Garagem também está aberto para espetáculos musicais. Segundo Chico, «o objetivo principal é dar uma força maior para artistas novos ou independentes, pois esses encontram muito mais dificuldades para divulgarem seus trabalhos».

O Auditório do Sesc é outro bom espaço e fácil de ser ocupado. Geralmente, com apresentações de espetáculos musicais. Sem ter boa acústica, seu maior inconveniente, no entanto, é a dificuldade para adaptação de refletores.

## FUNDAÇÃO CULTURAL

A Fundação Cultural do Distrito Federal é um dos órgãos oficiais mais combatidos e discutidos pelos artistas. Entre suas funções, está a de promover e divulgar a cultura local, além de trazer outros espetáculos para Brasília, através de seu co-patrocinio.

Inexplicavelmente, a FCDF não dispõe de nenhum espaço próprio. Os locais constantemente utilizados pela entidade pertencem a outros órgãos, como o GDF, a Fundação Educacional e a Terracap. Alvo de inúmeras polémicas, não cabe à FCDF solucionar certos problemas que vêm sendo debatidos há vários anos na cidade: as questões em torno do Teatro Nacional, do Cine Cultura e da Concha Acústica, que permanecem fechados. São questões extremamente delicadas, e que exigem maiores esclarecimentos, pois esses espaços são os mais antigos de Brasília e são fundamentais para a vida artística-cultural da cidade.

Fontes da Fundação Cultural repetem a velha história de que o Teatro Nacional está em fase de acabamento, com revisão das partes elétricas e acústica e o GDF deverá entregá-lo em breve para a comunidade. Mas quando? Quanto ao Cine Cultura, há uma pendência judicial entre a Terracap e a Empresa Cinematográfica Paulo de Sá Pinto, e enquanto o processo não for concluído, nenhuma decisão poderá ser tomada para a utilização do espaço. A Concha Acústica é quase sempre recusada pelos artistas, que alegam problemas climáticos, de ambientação e, surrealisticamente, «falta de acústica». Necessita, portanto, de urgentes reformas.

Entre os espaços utilizados pela Fundação Cultural, apenas o Teatro Galpão e o da Escola Parque estão constantemente ocupados. Suas condições de funcionamento, no entanto, são precárias. O Galpão é um bom lugar, com capacidade para receber 300 pessoas, mas não oferece as mínimas condições de conforto e segurança para o público. Pode operar com 35 refletores, mas não dispõe de equipamento de som. Além disso, os grupos que ocupam o teatro correm o risco de serem roubados, devido à displicência de seus vigilantes e responsáveis. No ano passado, durante os ensaios da peça *Martins Penna em Tempo de Abertura*, foi retirado um amplificador de som das dependências do Galpão e nada mais se sabe sobre o ocorrido.

O maior problema do local, no entanto, é o seu acesso. Entre as dificuldades para ocupá-lo está a burocracia da Fundação Cultural. Há cerca de um mês, o Teatro Comunidade de Taguatinga foi impedido de apresentar seu espe-

táculo, *Errantes*, no teatro, após ter assegurado seu lugar na pauta. Segundo J. Pingo, diretor do espetáculo, «faltou uma autorização escrita da entidade, pois o acordo foi oral, sem formalidades. Na semana da estréia da peça, o Conselho Deliberativo da entidade não se reuniu e o Diretor Carlos Mathias não estava em Brasília para formalizar a autorização. Em consequência, o espetáculo foi suspenso e sofremos um prejuízo de mais de 50 mil cruzeiros. Enquanto isso, o teatro permaneceu fechado, vazio».

A utilização conjunta dos teatros Galpão e Galpãozinho é outro problema sem solução, devido à interferência acústica existente entre os espaços. O problema já dura há cerca de quatro anos e até hoje nada foi feito para solucionar a questão.

O Galpãozinho é um ótimo teatro, pequeno, mas confortável. Pode operar com 20 refletores, mas não dispõe de equipamento de som. No entanto, para utilizá-lo, é necessário «importar» refletores da Escola Parque. Ocorre, porém, que esse teatro está sempre ocupado e a «importação» quase nunca é possível. Na verdade, o Galpãozinho não é uma sala de espetáculos. Trata-se de mais um espaço excepcional da cidade, cuja utilização depende da pauta do Galpão e dos equipamentos da Escola Parque.

A FCDF ainda dispõe de outros espaços, como o Ginásio de Esportes e a Piscina Coberta, que não são, em hipótese alguma, «teatros». Pésimos locais, sem nenhuma condição técnica, não devem ser levados em consideração, apesar de sua frequente utilização. Os problemas de acústica e iluminação os tornaram marginalizados e constantemente evitados, pelos menos por parte do público.

O Cine Brasília e o Auditório da Escola de Música são usados, principalmente, para concertos e recitais. O primeiro é reservado para apresentações da Orquestra Sinfônica, «até o término das obras do Teatro Nacional».

A situação da Fundação Cultural é muito delicada. Eternamente questionada, a entidade apenas alega falta de verbas e problemas de infra-estrutura, motivos pelos quais não pode atuar mais intensamente no apoio da cultura local. Seus diretores não têm poder decisório e nem direito de comentar, com a imprensa, os problemas que envolvem a entidade. Esses esclarecimentos competem, unicamente, ao Diretor da FCDF, Carlos Mathias, pessoa de difícil acesso, principalmente quando se trata de problemas que questionem a competência do órgão. Desta forma, a FCDF continua mergulhada em um intenso processo de obscurantismo e mistério.

## MEC

Em contraste com a Fundação Cultural, o MEC está com a proposta de construir teatros, em todo o país, nos edifícios do ministério. A decisão, tomada há pouco tempo, pelo Ministro Eduardo Portella, tem o objetivo de ampliar espaço para o desenvolvimento de atividades culturais, visando melhor utilização e aproveitamento dos prédios onde funcionam as delegacias do órgão.

Para Eduardo Portella, a decisão é explicada pelo fato de que «todo teatro é automaticamente um auditório, mas nem todo auditório está preparado para receber espetáculos teatrais ou de dança». Orlando Miranda, presidente do SNT, acredita que essa decisão é uma forma de oferecer novas opções ao público, aos artistas e à classe teatral, e é perfeitamente viável também em relação à iniciativa privada.

Em Brasília, será construído, na sede da Associação dos Servidores do Ministério da Educação e Cultura — ASMEC, um teatro com

capacidade para receber 750 pessoas.

## DULCINA

Brasília praticamente não dispõe de teatros particulares. Quase todas as nossas salas, auditórios e teatros pertencem a órgãos oficiais, como o GDF. Isto porque Brasília é uma cidade nova, sem mercado cultural desenvolvido e sua arte é totalmente dependente da ajuda governamental. Em consequência, não há interesse da iniciativa privada. A única exceção é o recém-construído Teatro Dulcina, de propriedade da Fundação Brasileira de Teatro — EBT.

O Dulcina é, ao lado do Teatro Nacional, o melhor espaço cultural da cidade. Dispõe de completo equipamento técnico, mesas de luz e som, mais de 80 refletores, caixas acústicas, excelentes acomodações para atores e espectadores, bom palco, empregados contratados; técnicos de luz, som, montagem cênica, entre outros.

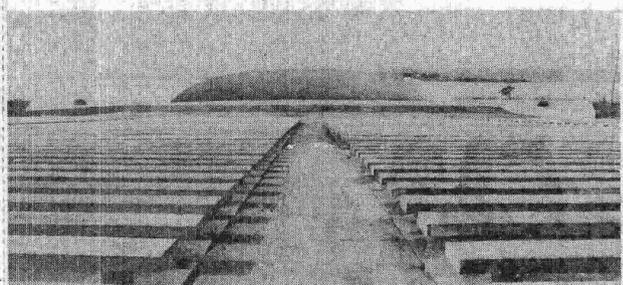
Os artistas locais, no entanto, taxam o teatro de elitista. Fernando Azevedo, da FBT, explica o porquê dessa acusação: «Cobramos uma taxa de oitenta mil cruzeiros, por semana, para a utilização do teatro, incluindo técnicos e equipamentos. Os grupos brasileiros, porém, estão acostumados a se apresentarem sem pagar aluguel de teatro, a não ser uma pequena porcentagem de renda bruta do espetáculo. Isto pode funcionar para espaços sob responsabilidade do governo. Mas o Dulcina é uma entidade privada, um investimento particular. O dinheiro arrecadado é para manter o local, pagar os funcionários, e dar continuidade ao teatro, que ainda não está concluído».

Segundo Fernando, «há certa preocupação com relação ao nível de qualidade dos espetáculos. Fazemos uma seleção prévia dos grupos que desejam se apresentar, pois queremos preencher o espaço com nomes e peças importantes, para que o teatro se torne conhecido pelo Brasil, possibilitando a vinda de grandes companhias teatrais para Brasília. Não significa que fechemos as portas para grupos daqui. Se o trabalho for bom e se o grupo tiver os oitenta mil, pode utilizar o espaço».

Devido à alta taxa para a utilização do teatro, os artistas candangos, com raras exceções, não vão ter acesso ao local, ficando relegados aos espaços precários. Por outro lado, esse fato vai possibilitar o esvaziamento de outros teatros, como o Galpão e a Escola Parque, que são constantemente ocupados por artistas de fora. Desta forma, talvez esses locais fiquem mais acessíveis aos grupos da cidade.

Outras salas desvinculadas do GDF, embora não sejam particulares, são auditórios de escolas de língua estrangeira: Aliança Francesa, Cultura Inglesa e Casa Thomas Jefferson, locais possíveis para apresentações de pequenos espetáculos teatrais, shows de música e projeções.

A Aliança Francesa é outra exceção entre os espaços culturais de Brasília. Michel Hospital, ex-diretor cultural da entidade, foi um dos grandes incentivadores dos artistas candangos, nos últimos quatro anos. Apesar de pequeno e precário, o auditório da Aliança constantemente, estava ocupado com apresentações de filmes, debates, audiovisuais, shows de algumas peças de teatro. No saguão principal da escola, sempre houve exposições de diversos artistas plásticos. Michel Hospital voltou para a França. Com sua partida, a cidade está arriscada a perder mais um espaço, pois o Conselho Deliberativo da associação e a diretoria administrativa não aparentam mostrar disposição para continuar o trabalho iniciado por Michel Hospital.



Concha Acústica quase nunca usada e deficiente